



A palmeira Talipot ou *Corypha umbraculifera*

O estudo das palmeiras apresenta grandes dificuldades; mui poucas especies se encontram na Europa; são, pela maior parte, grandes arvores, cujas flores e fructos só teem desenvolvimento no cume, e, por consequencia, difficeis de attingir. Algumas habitam no meio de florestas virgens, nos lugares mais espessos; um grande numero nas margens dos rios e regatos, ou á borda do mar; muitas nas regiões alpinas; outras, enfim, vivem isoladas ou em pequenos grupos nas planicies. Existe um grande numero de especies; mas descriptas, apenas quatrocentas, que os naturalistas dividiram em setenta e tres generos, formando cinco tribus.

As palmeiras, ora são grandes e formosas arvores, cuja altura attinge e excede algumas vezes cento e setenta metros, e de uma apparencia inteiramente particular; ora, o que é mais raro, formam pequenos arbustos, em certos casos desprovidos completamente de tronco, e cujas folhas sustentam uma especie de prato, que sobrepuja a raiz. Algumas especies pelo seu tronco delgado assemelham-se a gramineas gigantescas.

O tronco das palmeiras tem por caracter essencial não apresentar nem casca nem pau formado de camadas concentricas, como no carvalho e na maior parte das arvores das nossas regiões; mas

sim, uma massa composta de fibras esparsas no meio de um tecido esponjoso que as une umas ás outras; as mais velhas e mais duras destas fibras estão na circumferencia; as mais novas e mais tenras no centro.

Desde que uma semente de palmeira começou a germinar, desenvolve-se um grande numero de folhas, que formam uma primeira ordem circular e que estão ligadas á raiz por uma camada de fibras collocada no interior da precedente. Esta segunda camada tende a abrir e a rebotar a primeira. O mesmo succede com todas as outras camadas dos annos seguintes, que, successivamente, veem recalcar e estender as fibras das camadas exteriores, até que estas, tendo adquirido pela idade toda a duresa da madeira, resistem plenamente á pressão dos filamentos do interior; então todo augmento em diametro cessa no anel solido formado pela reunião de todas as fibras, anel que se torna em base do tronco da palmeira.

Quando o tronco attinge toda a sua grossura, já não póde senão crescer em altura por toros semelhantes, que se ajuntam successivamente uns aos outros, e que produzem os renovos que se desenvolvem cada anno na extremidade do tronco. Este crescer é uniforme, porque são sempre dos renovos o mesmo numero de folhas, e ficam os

mesmos ajuntamentos de fibras e força de resistencia. A uniformidade na espessura do tronco suppõe todavia que a arvore vegeta sempre em bom terreno e que a influencia do clima não muda sensivelmente. Se se transportasse a palmeira de um bom terreno para um mau, a sua vegetação seria menos vigorosa, e nos anneis formados pelas novas folhas tendo menos largura, produzir-se-ia uma contracção. Se, depois, a levassem para melhor terra, a parte superior do tronco desenvolver-se-ia mais vigorosa e produzir-se-ia um augmento de volume.

As palmeiras são os mais ricos ornamentos da vegetação intertropical. Effectivamente, são as regiões dos tropicos que se devem considerar como o berço e a verdadeira patria destes interessantes vegetaes. Segundo Martius, no hemispherio austral, não vão além de 33.º em quanto que no boreal vão até 40.º Cada especie de palmeira tem geralmente seus limites fixos, além dos quaes raras vezes se vêem crescer. Tambem em cada parte do globo se encontram especies particulares deste vegetal, que, d'algum modo, formam um dos caracteres da sua vegetação. Comtudo um numero de especies, sobretudo as que crescem á borda do mar, parecem, de algum modo, cosmopolitas; tal é, por exemplo, o coqueiro.

Esta familia encerra vegetaes, não só muito notaveis pela belleza e elegancia de suas formas, mas muito importantes pelos numerosos serviços que prestam aos habitantes das regiões onde vegetam. Muitos d'elles são arvores de primeira necessidade, cujos fructos constituem o alimento quasi exclusivo de certos povos. Assim os fructos da tamareira para os habitantes de toda a costa meridional e occidental do Mediterraneo, o coqueiro para os habitantes da India, da America e das ilhas do oceano Pacifico, são uma alimentação tão abundante como necessaria.

Muitos destes vegetaes fornecem uma especie de fecula conhecida pelo nome de *sagu*, que é muito procurada pela gente da Europa que soffre do estomago e do peito; outras dão um principio adstringente, uma especie de sangue de drago; algumas produzem oleo.

Emfim, estas arvores offerecem ainda aos habitantes das regiões equatoriaes madeiras de construcção para suas habitações, largas folhas para cobril-as, fibras resistentes para fazerem redes, cordas etc. A fava de um grande numero de especies é susceptivel de produzir, fermentando, um licor alcoolico que se obtem pela distillação.

Juntamos a este artigo uma gravura na qual se mostra a palmeira talipot nos seus diferentes estados. Esta arvore formosissima, hoje mui rara, encontra-se unicamente na ilha de Ceylão e na costa do Malabar, e é uma das mais uteis ao homem. Floresce apenas uma vez e quando o fructo amadurece começa a sua decadencia; pouco tempo depois inclina-se, verga e cãe, para não mais se levantar. Extrae-se d'ella uma grande quantidade de fecula a que se dá o nome de *sagu*, e as suas folhas, cada uma das quaes póde abrigar

até doze pessoas, cortadas em certa época e fazendo-as passar por um simples processo, tornam-se amarelladas, e tão consistentes como o pergaminho. As flores sobrepõem-se á folhagem e dão á arvore uma elevação de mais vinte ou trinta pés. N'estas flores encontra-se uma grande quantidade de sementes do tamanho e feição das cerejas, que servem unicamente para a reproducção da especie.

Irmos mais longe com a descripção desta arvore seria repetirmos o que acima fica dito.

SOBRE AS MEMORIAS DOS VINTE ANNOS

(Carta a Julio de Castilho)

Ex.^{mo} sr. e amigo: — Ha quatorze para quinze annos que o não vejo, dès que o tratei collega nas aulas do Portico, quasi collega nos brincos infantis, e no emtanto estou-o reconstruindo aqui no pensamento, e em toda a candidez da sua alma, com este seu livro, tão original e tão seu, que me obriga a quebrar o silencio, e ao cabo de tanto tempo volvido, escrever-lhe esta carta.

Ha sempre um escolho temivel na vida dos que nasceram *savoneados com o auxilio* (digamol-o por emquanto assim) de um grande nome. É o preconceito nos dois vulgos, o dos chamados judiciosos e o dos ineptos e detractores da extincção do talento com o extinguir do individuo! é a negação da sua transmissibilidade; e tudo isto em desfavor dos que *são culpados* em haver nascido á sombra d'aquellas frondosissimas arvores!

Loucos! que seria então esta gloria de hereditarios, esse jubilo de um appellido, ás vezes já insculpido em pedra tumular; se o fogo sagrado os não illuminasse tambem? se a intelligencia inspiradora não estivesse já premindo os conhecedores intimos a preparar as grinaldas rescendentes, que os decorassem na primeira manifestação? se todo esse brilho devia ser de ouropel, e a consciencia estava a remorder da sua mentira, e a assegurar que o lampadario, que os alumniára, tinhasse apagado para todo o sempre?

No emtanto é esta uma triste verdade: os dictionarios historicos e as noticias biographicas, todos os Desobry e os Bouillet, os Moreri e os Vapereau teimam em reconquistar o favor publico para essas joias tão trabalhadas, e ás vezes tão brilhantes do mundo intellectual; que serve isso? A nossa hediondez de desconhecedores do poder de Deus vae-se toda lampeira (dizeis n'isso que vae certa de quanto é pequenina), e tira de uma familia, muitas vezes pleyade, toda ella luzente, um nome, e esse é o assoalhado, o imposto ás turbas desensinadas, o vilipendiado tambem do vilipendio dos esquecidos.

As vezes, comtudo, por mais que façam estes propaladores da obra de Satan, estes semeadores de joio pelas campinas verdejantissimas por quanto se podem alargar os olhos, a celebridade fica-se immune; então é o estorcer d'aquelles damninhos, que, em phrase mais commum e mais positiva, são as personificações do seu Gaspar No-

gueira. A mim parece-me no emtanto que a celebridade assim immune, entristece-a quasi sempre algum grande revés. Afóra o dar-se o caso que n'uma mesma congregação familiar sejam varias as provincias do saber em que se distingam os seus membros, e isso vêde a confusão; afóra isto, são ordinariamente as individualidades marcadas e retidas nas consciencias voluveis por caracteres inapagaveis, mas por ventura desastrosos: que renome teriam trinta irmãos poetas, se Deus lh'os houvera dado, ao pé d'esse Milton, cego e audaz, que se atirava para além-tumulo, e rasgava os arcanos do viver de Deus ás turbas insoffridas? que renome trinta irmãos poetas, ao pé d'esse Tasso, louco e enfraquecido, mas sublime, mas vidente, que da sua enxerga do hospital fazia palpitar ancioso o coração de todo um mundo, que pretende esquecel-o? que renome de poeta podem assumir, tão grandioso, os irmãos de Castilho Antonio, a esquecer esta alma da Grecia e do Lacio, que se hade finir abraçado á sua lyra, e a ouvir o hosannah da industria de hoje, o *Hymno do trabalho*?

Isto tudo, com estas divagações, mostra que, a crescer á exigencia de um publico difficultoso pela recordação de um nome benemerito, não hão de faltar ainda ao Julio os doestos, as maledicenciasinhas, as calumnias, segredadas com hypocrisia, dos que hão de dizer que o seu livro, escreveu-o toda a gente, talvez o imperador da China, o da Russia, o Grão-Vizir, quem sabe? toda a gente, menos o auctor.

—O auctor, esse que o assigna, dirão elles, isso é que nunca; o auctor! ora o auctor! Pois é lá possível que o irmão ou o filho de um litterato tenham geito para alguma cousa! que, Deus cançou-se a crear dois homens habeis! Pois não vêem a pag... o tom sentencioso do pae; e a pag... aquella descripção não póde ser senão de F.; anda tanto com elle! e a pag..., aquillo então é claro como agua, foi o G.

A unica resposta, Julio:

Gloria á Bondade Summa, que diminuiu dois pés em animaesitos de quatro!

Uma das partes em que prima o seu livro, a principal talvez, e uma das mais necessarias no romance, é a verdade fidelissima dos caracteres descriptos. Quantos dos seus leitores não hão de recordar no typo matriarchal da Rosa de Teyve alguma d'aquellas santas mulheres, que nos amimaram na infancia, e a que a frequencia dos antepassados quasi já dava um lugar na familia, e com elle a imposição do respeito, e de uma certa veneração?

Nuno de Macedo, esse, advinhou-o v. ex.^a? ou dar-se-ha o caso que não haja homem de coração a quem Deus não envie como purificador, ou então como procurador do mau espirito, a cousa anda pelo mesmo, um dos taes monstrenguitos? Eu conheci já dois governadores de Pungo-Andongo; tratei até com um terceiro ha annos, e sinto ainda aqui o asco, que me motivou em criança aquella ridicularia gloriosa de Deus!

Do pae de Magdalena, do calumniadorsito do Gaspar Nogueira, de algum outro, que me não lembre, e lá pelo livro enxameie em identica altura na craveira da moralidade, ou antes da immoralidade, nem uma palavra. Bem fez o Julio em não apimentar a narrativa, carregando em considerações. A illação tira-se dos factos. Muito bem. A lama ninguém vae dizer: *és hedionda*. Daria vontade de rir.

Cheguemo-nos outra vez aos amigos, de quem nos separámos na boa da Rosa.

Sebastião, tem-n'o v. ex.^a ainda n'algun, em muitos posso dizer, d'esses veteranos que viram ainda as ultimas glorias da sua terra, e quem sabe se os ultimos esforços pela independencia da nação.

O pae de Luiz, esse é adoravel. Aquellas idéas absoluto-liberaes de uma grande alma encontrei-as eu tambem personificadas. Ha um ancião venerando, que já passou dos oitenta, e a quem eu respeito e amo, talvez o velho assim o não saiba, como se fosse meu pae. É uma das minhas poucas affeições desobrigadas, que se tem enraizado fundo, porventura a unica. As vezes ouço-o, silencioso e commovido, a fallar-me das suas crenças; e até das suas illusões. As crenças d'elle, posso dizel-o com alvoroço, são as minhas tambem, creio que são as boas. Quanto ás suas illusões, illusões que o viver de annos nas côrtes estrangeiras em investigações antiquarias, e o longo praticar com os homens publicos não poderam apagar no caracter honradissimo, essas peço a Deus lh'as conserve, sobretudo agora que o véo do sepulchro se lhe estende já sobre a fronte illuminada. E que me importa esse véo, se aquella luz vacillante é bastante para me alumiar? A que sombra me hei de eu acolher, quando essa fronde se torcer, e cahir derrubada? só se fôr a ti, syndone apodrecida que encobres o cadaver paterno, e cedo me podias envolver tambem...

Chegou a vez do fr. Jeronymo; agradeço-lhe, Julio, aquellas paginas, que me fizeram bem, no consolo das lagrimas. O seu personagem se infelizmente não é o fiel transumpto da maior parte dos nossos clérigos, ás vezes *divertidos*, pelo menos é a demonstração do que deve ser o sacerdote. O presbytero da narrativa de Alexandre Herculano, d'esse gigante para quem na vida litteraria não ha olhos que o possam desfitar, faz o bem que póde, que sabe ou que adivinha, como santo que é; mas destôa tanto no bom do velho *o seu latim barbaro e a sua barbarissima prosodia*! Pois não ha tambem espiritos illustrados, ás vezes, por esses lugarsitos sertanejos, mui de proposito ali habitantes como profugos das cidades, e scismadores de mais rasgados horisontes?

Eu quero mais ao fr. Jeronymo, e no emtanto o meu conhecimento é mais novo e mais rapido, e no emtanto v. ex.^a não me desvendou totalmente a sua vida domestica, que é n'isto que o Herculano foi longe, tão longe, que impossibilitou os que de futuro tentassem descrever as scenas do passal!

D'esta maneira vê que tambem não posso dei-

zar de o preferir ao frater Leonardus, do Hofmann, ou a monsenhor Bemvindo. O primeiro, erudito, e com pretensão a austero, não é mais que um *espírito forte*, que dá respostas equivocadas aos subditos, que o interrogam da vida religiosa. Se litterariamente o admiro ás vezes, cá na vida real, se o encontrasse, e me pedissem a opinião, chamar-lhe-hia *vibora escondida em abbatina*.

Com Myriel acontece que, quando vou já a sympathisar com a sua simplesa, tudo se desfaz ao acudir-me á lembrança a sua profissão de pantheismo, pelo menos, aos pés do convencido; e lastimo-o. Lastimo-o, porque é uma boa alma. A quietação de espirito, invejar-lh'a-hia, se eu pudesse distinguir se é o pacificamento da ignorância, ou o consolo do recolhimento o que me attrae. Victor Hugo não o disse.

Só d'estes tres fallo eu, Julio, em comparação do seu fr. Jeronymo, que eu considero o ideal do padre catholico; e muito de proposito só d'estes tres. Causam-me pena os seus desvios; mas commo-vem-me todos elles. Lá irmanal-os com algum personagem do *Amaldiçoado* ou do *Jesuita*, isso nunca eu faria. Vá fóra o embaimento traçoeiro do protestante que se rebuca em Padre...

As vezes, as decepções do espirito conturbado desterram no filho de Eva a idea de Deus. Para elle n'essa occasião o symbolo, a alegria, é o inverno — a saraiva, que é o desconsolo; o trovão, o relampago, a corrente de agua — a magestade do Eterno na sua ira. Nada de outomno, porque lá ainda ha, não digo flores, mas folhas emmarelecidas; agita-as, derranca-as, mirra-as o tufão, mas espalham-se e rastejam pelo solo, imagem ainda dos sonhos doirados da primavera da vida, tão cedo aniquillados no bulcão condensado do seu futuro e do seu inverno, imagem que se quer despedaçar, imagem que se quer esquecer.

D'isto se resentem pois os escriptos do illustrado, que é tambem infeliz. Pobre do Lamennais! coitado do Rousseau!

Lá da sua campa parece que ainda estão dizendo, como *Os infelizes*, de Achkermann:

Si nous avons failli, nous avons tant souffert!

É crença minha, quer muitos negrumes despontem no horisonte da vida, que resta sempre para alumiamto da alma um fanal de esperança, que vivifica e aquece, accendido pelo Senhor!

Que para esses desgraçados haja ainda no existir uma luz que lhe destolde o animo, um astro que lhe irradie o entenebramento do espirito com as doçuras do ineffavel!

Nas producções do transviado ha sempre um periodo, uma phrase que nos compunge, que nos identifica nas lagrimas, que póde até redemil-o. É como a prostibularia, que ainda não tem vinte annos, e de cabellos cor de oiro, no primeiro dia de devassidão. O cingulo, desaperta-o entre receiosa e timida; pensativa e triste vae-se desvestindo aos olhos do insoffrido que a requer; afinal, no phrenesi da volupia ou no desespero da sorte, voam-lhe repentinos da beira do thoro impudico ao pó

do sobrado os selins custosos. Mas a cada devasar das formosuras escondidas pelo seductor, purpureia-se-lhe a fronte, e desliza-lhe o pranto. Dir-se-hia que o anjo da innocencia não a desamparou ainda, e se está a entristecer do enlamear d'aquella opala!

Oh! mas o escriptor traçoeiro, e que se esconde, esse não sei desculpal-o, nem d'elle me posso doer. Este cuspir envenenado no madeiro de Jesus é nauseabundo como a baba esverdeada do gasteropodeo, que mancha e invade a cavidade ocular de caveira, alvacenta pelo passar de dois seculos!

Uma cousa que o Julio talvez não saiba, é que no convento do seu prior de Santa Maria da Assumpção existia até ha pouco realmente um frade como aquelle. Lembro-me ainda das festas em que me alvorçou em criança, e da maneira como offegante e reverente lhe osculei, ha oito annos, a mão descarnada e já fria. Sentinella firme do perdido exercito do monachismo, não pôde abandonar-a, e era velho, e morreu octogenario, a pobre cella, onde o respeitaram superior os irmãos do mosteiro. A fr. Manuel, lá o desceram ha vinte e quatro mezes á crypta dos Castros. Que a cruz negra d'aquella mansão ensombre o envoltório da alma do frade!

J. A. DA GRAÇA BARRETO.

(Continúa)

DANIEL O'CONNELL

I

Consolemo-nos. Nem só o catholicismo que tem invocado os principios religiosos para em seu nome e á sua sombra se commetterem as maximas atrocidades; não basta folhear os annaes da santa inquisição para se conhecerem todos os crimes praticados pelo fanatismo. A historia da nação mais liberal e mais tolerante da Europa, a Inglaterra, contém negras paginas cuja leitura horrorisa, e onde está inscripto, para vergonha eterna dos seus legisladores, o martyrio de seculos d'uma nação, que lhe devia ser irmã, e que lhe tem sido escrava. A Irlanda mostra ainda em pleno seculo XIX os pulsos roxeados pelos grilhões inglezes, e as largas cicatrizes que lhe deixou estampadas no peito a espada que tem sempre reprimido d'um modo sanguinolento as tentativas d'essa misera nação para despedaçar o jugo aviltante, que ainda hoje em parte a opprime.

Comtudo, devemos confessal-o, esse odio que uns aos outros se consagram os habitantes das duas grandes ilhas do Reino-Unido não data unicamente das dissidencias religiosas. Antes que Henrique VIII, desdenhando o titulo de filho bem amado da Igreja com que o Summo Pontifice o distinguira, erguesse a bandeira da revolta contra a unidade catholica, e juntasse ás insignias do seu poder temporal as insignias da supremacia espiritual, já a Inglaterra e a Irlanda se dilaceravam a cada instante n'uma lucta cruenta e sempre renovada.

Para que bem comprehendamos a influencia exercida sobre os seus compatriotas pelo grande tribuno cuja biographia vamos traçar rapidamente, devemos primeiro fazer um esboço não

menos rapido das longas dissensões que teem ensanguentado o solo irlandez.

Uma estranha fatalidade preside ha seculos ás relações d'estes dois paizes irmãos. Ora por um motivo ora por outro, desde que se operou a união das duas corôas n'uma só, sempre que se travou uma lucta civil de tal fórma se acirraram os odios que, terminada a guerra, o vencedor,

em vez de gosar com moderação do seu triumpho, em vez de tentar operar a fusão completa dos dois povos, que devia ser o seu *desideratum*, não pensou senão na vingança, e perpetuou por essa fórma o odio e a dissensão.

O mesmo nos succede com os nossos visinhos castelhanos. Irmãos somos tambem pela origem, pela communidade de tradições e de interesses.



Daniel O'Connell

A União-Iberica, para quem encara as cousas de longe e guiando-se pelos mappas geographicos e ethnographicos, é uma ideia naturalissima, que todos deveriamos abraçar. E, comtudo, se a Hespanha conseguisse pôr-nos o pé na cerviz seria para nós o que tem sido a Inglaterra para a Irlanda... mas porque procurar comparações alheias? seria o que foi durante os malfadados 60 annos do nosso captiveiro nas garras dos Filippes.

Foi em 1167 que os Inglezes pozeram pela primeira vez o pé no solo da verdejante Erin. Chamaram-nos discordias intestinas; o monarcha de um dos quatro reinos em que se dividia a Irlanda Dermot, príncipe de Leinster expulso dos seus estados, pediu soccorro a Henrique II. Não ousou dar-lh'o directamente o soberano inglez, mas permittio aos seus ricos-homens que lhe auxiliassem as pretensões. Primeiro erro de politica fatal á Irlanda. Os auxiliares transformaram-se em conquistadores; isso era de esperar no tempo em

que, a ambiciosa cobiça nem tentava disfarçar-se com um pretexto. Mas que conquistadores esses! Não era um rei que cingia a corôa do monarcha nacional, mas que deixava tudo o mais no mesmo estado; eram senhores feudaes que tomavam por sua conta o que lhes convinha, que expulsavam os proprietarios legitimos, que dividiam entre si a presa, deixando ao seu monarcha a posse das estradas irlandezas, como o nosso D. João II dizia que seu pae D. Affonso V o deixára soberano das estradas de Portugal.

Henrique II e os seus successores tentaram reprimir estes excessos, e admittir, como iguaes aos seus outros vassallos, os subditos irlandezes. Baldada tentativa. Os cães de filla rosnavam, e a pobre Erin continuou a debater-se nos seus dentes agudos.

D'aqui uma irritação surda entre os conquistados, d'ahi o estabelecimento de duas raças antagonistas, uma a nacional prompta sempre a in-

urgir-se, a outra, a transportada da ilha vizinha, com a mão constantemente no punho da espada repressora.

Em 1315 os Irlandezes descontentes proclamam para rei Eduardo Bruce, filho do celebre monarcha escocez Roberto Bruce. A insurreição foi debellada, mas o que fizeram os vencedores? Promulgaram uma lei que declarava os irlandezes inimigos publicos, que prohibia aos filhos da velha Inglaterra, debaixo das penas mais severas, contrahirem com elles alianças de familia, e aprenderem a lingua ou adoptarem os costumes do povo conquistado!

Isto é que era fazer cada vez mais profundo o abysmo, que separando dois povos que se deviam abraçar á sombra d'um throno paternal, que não fizesse differença entre os dois filhos, que celebrasse até, como o velho da parábola, a tornada do filho prodigo.

Correram os annos; travou-se na Grã Bretanha a formidavel lucta da Rosa vermelha e da Rosa Branca; triumphava a de York na Irlanda, ao passo que na Inglaterra a sorte, favoravel á Rosa de Lencastre, fazia subir ao throno Henrique VII.

Este logo tratou de submeter a Irlanda. Conseguiu-o, e, apesar de ser homem de tanta capacidade, desvairado pelo odio cego que os seus compatriotas votavam aos Irlandezes, exerceu as vinganças em larga escala. Para punir os rebeldes, punio e por conseguinte exacerbou a nação inteira. Um decreto, conhecido pelo nome de acto de Poyning, por ser o nome do vice-rei da Irlanda n'esse tempo, reformava a constituição politica da velha Hibernia, e o seu parlamento, apesar de ser já composto exclusivamente de inglezes alli residentes, deixou de gosar as prerogativas que o parlamento inglez gosava, foi tratado como um corpo sujeito ao governo, e, se ficou ainda de pé, foi apenas como vão simulacro, como phantasma nullo.

Sóbe ao throno Henrique VIII, espalha-se na Inglaterra o fermento do lutheranismo, e o monarcha tem a habilidade de não combater a torrente da Reforma, que lhe podia desarraigar o throno, e pelo contrario de se pôr á sua testa para lhe dirigir os movimentos. Essa habil politica do cruel esposo de Anna Bolena dá origem ao anglicanismo, seita que assegura á Inglaterra a autonomia religiosa, e ao monarcha a supremacia espiritual sobre o seu povo.

M. PINHEIRO CHAGAS.

(Continua)

Quem graça ante o Rey alcança,
É ahí falla o que não deve,
(Mal grande de má privança),
Peçonha na fonte lança
De que toda a terra bebe.

SA DE MIRANDA.

A GALATÉA MODERNA

XIII

D. Violante á baroneza do Alpedral

Tens mil vezes razão, ó minha querida. Quanto te agradeço, porque me guiaste os passos incertos na senda da vida!

Libertei-me hoje. Quebrei os grilhões da escravidão. Aventurei para longe as algemas ignominiosas com que eu mesma (quão louca era!) me estava arroxando os pulsos!

Não! Não quero amar. O amor é a escravidão. O amor é o sorriso entre as dôres. Amar! Mas porque motivo havia eu de assignar a propria condemnação! Dei um grande passo!

Sentia que cedo amaria Alfredo! Oh! Amo-o já como uma louca! Quando o vejo, parece-me que me estou mirando em um espelho magico, tantos são os encantamentos, taes as visões, que correm perante meus olhos fascinados! Quando me elle contempla, o seu olhar é cristallino, limpido, diaphano, enleia-me, cega-me, leva-me a alma para brincar com a d'elle em umas regiões tão puras, tão serenas, que eu fico-me triste, pobre argila! que ás vezes se refende com o calor subito, que me acode ás faces.

Outras vezes ponho-me a scismar n'elle, e o seu rosto um pouco magro e macilento, a um tempo sereno e agradável, com as rugas do pensar, apparece, surge e aproxima-se tanto do meu que lhe sinto o halito queimador. Mas os olhos não lhe rebrilham. São amortecidos e tristes. Os labios agitam-se frementes e pronunciam: *amor ou deshonra*; e um riso melancolico volteia, como que se anima e toma corpo; depois entranha-se nos meus labios e eu sorrio-me tambem tão triste, tão triste, que repito: *amor ou deshonra*.

E o rosto d'elle vae-se aproximando lenta e fatalmente; o olhar é meigo; sinto afinal um beijo que ecoa como um suspiro, como um soido longinquo cheio de harmonias ignotas.

Accordo de repente. Afugento a visão. Palpo, olho, escuto. Estou só. A alma é que anda por lá, com a d'elle, a brincarem não sei aonde, em algum raio da lua.

Sucedem-se estas visões. Por toda a parte vejo a sombra d'elle, que me segue e me conturba os meus mais intimos pensares. Se o vento geme angustioso, se o ribeiro solta a sua eterna loada tão monotona pelo cyprestal, cuido estar ouvindo a voz de Alfredo.

A imagem d'elle enche o espaço. Olha. No outro dia, vinha a romper a manhã. O sol começava de beijar as grimpas e os passarinhos entoavam os seus quebros de alegria e festa. Eu já estava accordada; mas sentia tanto prazer em pensar nelle, deitada no meu alvo leito! Que loucuras eu imaginava! Toda enroscada, sentindo um calor vital a escoar-se-me pelas veias, com os braços cruzados sobre o peito, que arquejava, olhos meio cerrados, rosto immovel, vendo a minha imagem confusa no meu velho espelho de Veneza, que mal se illuminava com a semi-escuridade do quarto!

E eu pensava nelle. Dizia-me o coração que elle, só elle me poderia dar um paraíso de felicidades e venturas.

Cuidava abraçal-o, e apertava os braços. Continha a respiração por melhor sorver a d'elle. Cravava os meus olhos nos seus. Estava trémula. Porque? Oh! Isto é amor, dizia comigo. Eu amo-o, quero amal-o.

De repente não sei que subita tristeza me annueou. Não sei. Mas de pouca dura foi. Um raio de sol, travesso como um diabrete zombeteiro, cu-

rioso como um sylpho, entrou por uma fenda, todo luminoso, offuscador, guapo e brincão.

Os corpusculos começaram a saltar, como se ouvissem alguma musica desconhecida. Foram-se alinhando todos até formarem um renque de luz. Ora desciam, ora subiam, cruzavam-se, expandiam-se, quedavam subito, logo saltitavam phreneticos ou caminhavam pensativos e melancolicos. Era um mundo com todos os seus vae-vens, afestoados de galas. Entrou depois outro raio do sol, e logo outro, mais outro e mais outro. O meu quarto parecia uma vasta colméa d'onde saiam aquellas abelhas luminosas. Eu era a fada d'aquella mansão mysteriosa cheia de luz recatada, cheia de amores travessos, cheia de vida muda.

Mas um raio, mais travesso e curioso, acertou de cair no meu regaço. Fascinou-me logo; senti não sei que mundo de idéas e sensações turbidas e confusas. Como elle brincava no meu peito candido! Como elle me aquecia! Como me infundia pensamentos ignotos! Ora volteiava rapido e parecia sorver-me o sangue do coração, que batia soffrego; ora subia e descia alternativamente com o meu arquejar. Parecia-me estar vendo Myriades de olhos curiosos e maganos, que me contemplavam amorosamente.

E o raio dizia-me: Tu amas, ó donzella, e eu quero furtar-te o primeiro anseio! quero beijar-te; quero retingir-te de cores da auroa o limpo azul do teu pensar. Toda a noite te espreitei d'aquella janella, enviado pela lua. Não sabes como soffria. Queria-te acariciar e não podia. Quando o vento soluçava e empurrava as portas, mettia-me logo pelas fendas para te vêr. Agora sim; quero beijar-te, quero ser feliz. Quero fundir e derreter com o meu calor, o gelo do teu coração. Deixa-me cair sobre elle, bem a prumo. Como elle bate! como freme lá dentro, no peito. Mais depressa, pobre coração! Aquece-te, derrete esse gelo, que te angustia e entorpece. Ama, ama, bate por mim, que sou a alma de Alfredo, que aqui venho aninhar-me.

E como se o raio fallasse verdade, e o gelo se fundisse, assomaram-me as lagrimas aos olhos. Chorei, chorei, mas o raio brincava, ria e dizia-me: Chora, louquinha, que esse pranto é o gelo do teu coração que se funde.

Passado pouco accordei d'aquelle encantamento. Era outra. Amava Alfredo. Mil vezes estive para lh'o dizer, se meus olhos não lh'o houvessem di tantas vezes.

E elle confessava-me que morria por mim.

Foi então que eu tracei estas linhas, que te mostram o estado da minha alma:

«O que é o coração! Se alguém podera sondar o, que de abysmos lá encontrara. Sinto-me transformada, não me conheço. Parece-me que alguma fada me tocou com a sua varinha magica. A alegria e a tristeza succedem-se mil vezes por dia no meu coração. Vivo em enlevo perpetuo; o que ora penso é destruido pelo que sobrevem passado um minuto. A imaginação divaga desenfreada; a phantasia percorre os intermundios; a

alma ora se confrange ora se dilata. Não sei o que sou, nem o para que nasci. Chorar e rir é o meu estado, e ás vezes choro e rio ao mesmo tempo. Oh! isto é amor? E este amor é a minha desgraça!

«Amo Alfredo, e devo confessar-lho? Terei forças para isso? Eu, que fui para com elle tão fria e marmorea, julgando que o amor pôde calcular, eu, que a cada passo o fazia tropeçar nas realidades da vida, para o acerar na lucta, mostrando-lhe difficuldades invenciveis, que o chamassem e prendessem. Que *misera gladiadora* sou eu! Afinal fiquei ferida na lucta, com as armas que forjára. Não sei se comprehendes bem o meu estado. A cabeça e o coração levam-me para o mesmo fim por meios diversos. Comecei a pensar no futuro, que a sorte me presagiava. Sopezei o immenso fardo da pobreza arrastada por estas brenhas, ignota, esquecida, sem horisonte, sem gosos, sem vida de espirito, sem luz, sem calor. Que castigo, santo Deus! De que me servia o coração, se havia de viver sempre comprimido. Affagos hediondos não os quero nem os desejo. A clausura affigura-se-me um purgatorio cheio de tormentos e suspiros abafados. A vida domestica sósinha fôra impossivel depois da morte de meu pae. Que fazer? O que me restava? Direi com Ernani: o tumulto? Perante a sorte inevitavel será este o unico remedio, porque é o esquecimento eterno? Quando em vida o coração se transforma em vaso de fel, a morte não é um bem?

Ajunta a isto o meu natural pendor para o mundo, e minha galanteria que libei no berço, **uma sensibilidade** prematura exacerbada pela desgraça e que chega a tornar-me invejosa de ti e de tua posição, e terás o quadro succinto dos tormentos que soffro todos os dias. Por isso, arrastada por uma força superior, involuntaria, sem consultar o coração e nem mesmo a cabeça, tornei-me *coquette*, galanteadora para com Alfredo. Horrendo crime, bem sei. Mas o que queres. Assim estava escripto, assim o quiz o meu destino. Se o coração ficasse mudo, podera envergar a tunica virginal, coroar-me com as flores de laranjeira, jurar fidelidade a Alfredo junto do altar, e gosar depois a vida. Fora mais uma perjura entre as muitas que por ahí pompeiam o seu sudario! Fôra mais uma criminosa? Para isso estava preparada, apezar dos meus dezoito annos, tão ruim é o fermento da pobreza.

«Mas, ó mil vezes louca, porque não consultei o coração, todos os planos me saíram baldos. O coração vingou Alfredo. Sinto que o amo, e este amor é o meu castigo, é o punhal que me dilacera as entranhas, é o veneno, que me corróe e requeima. Se o abandono para sempre, que horrivel sacrificio! Se ligo o meu destino ao d'elle, e confundimos as nossas almas, que castigo! Fica sempre com o remorso do meu crime; fôra arrastar perpetuamente a cadeia do forçado. As suas caricias seriam maldições, os beijos dos filhos reclamariam vingança, o remanso do lar não me apelecêra, e sollicitada eternamente já pelo amor já pela galanteria estaria mal em toda a par-

te, porque a galanteria só pôde existir sem amor. Quem ama, idolatra. Mas se intento esquecel-o, que de angustias tremendas! Que pavorosas recordações, em toda a minha vida! Ah! se eu tivesse nascido pobre, como eu poderia entregar-me a Alfredo! E se eu não perdesse a terrível sede do baile e da vida doirada; se eu podesse encerrar-me no meu velho solar, offertando o meu seio para que Alfredo repoisasse!...

Mas tudo isto é impossivel. O suicidio! Se eu fosse forte, se eu podesse tragar o veneno, como a morte me seria doce! Tacs eram as angustias que eu soffria. E cada vez amava mais, e maior era o meu tormento.

Um dia pediu-me Alfredo uma confissão. Queria pedir-me. Não me atrevi a negar-lh'a. Fingi-me tão isenta, tão fria, que a voz delle tremia. Resolvi apresentar-me tardiamente; não como uma pastorinha caprichosa, que não quer amar, mas como uma dryade, que não pôde amar um homem. Mas eu sentia que havia de render-me porque o amava.

Salvaste-me então, ó querida baronesa, com a tua carta. Disseste-me:

«Tu és como a Galatêa antiga. Formosa como ella, sê como ella isenta. Não fujas para os bosques, vem para as salas. Quem tem o coração preso não pôde walsar nem requeimar-se nos lumes do baile. Deixa que o pyrilampo bruxuleie na campina; tu és uma estrella. Vem brilhar na constellação. O amor é um oceano de tormentos.»

E eu disse:

«Não, jámais amarei Alfredo, porque a minha pobreza requestou o seu oiro. E quem sabe se algum dia me lançaria nas faces o opprobrio da minha miseria?»

E tu proseguías:

«Não ha homem, que valha a jura eterna de uma mulher formosa, como tu. Não te vendas, nem te entregues. Conquista uma posição. E já a tens. Brevemente vou levar-te o teu noivo. É um mancebo rico, que está perdido de amores por ti. É um parente meu.»

Quando cheguei a este ponto senti uma suffocação! Deixar Alfredo! Conheci que não podia amar outro. Mas repeti logo:

«O amor é um oceano de tormentos. Serei a Galatêa. Fugirei para as salas.»

E agora, que a noite vae alta, e que escarneci de Alfredo lançando-lhe aos pés o coração que me offerecia, fiz um pacto comigo mesma. Quero conquistar uma posição. Mas ninguem ouse procurar o meu coração, que encontra o vacuo. Não ha musica de amor, que o faça bater, porque no vacuo não ha sons.

O coração levou-m'o Alfredo.

O mundo! o mundo! Oh! vem, vem, querida baronesa.

A pobre e gentil Violante quer ser viscondessa.

Ah! se eu não fosse pobre! Se eu não tivesse o orgulho do anjo caído!

Recebe um beijo da tua Violante.»

A. O. DE VASCONCELLOS.

UMA OBRA DO SECULO IX

Justino Maior, reinou VIII annos. Partidario do Synodo Calcedoniense abjurou a heresia dos Acéphalos.

10. Justiniano, reinou XXXIX annos. Pondo-se á frente dos Bispos, partidarios do concilio de Calcedonia, condemna a heresia dos Acéphalos. Os vandalos são destruidos em Africa pelo patricio romano Belisario. Tambem Adryla, Rei dos Ostrogodos, é vencido na Italia por Narses, patricio romano. Atanagildo, tyrannisa em Spania o imperio de Agilano. Pelo mesmo tempo, o corpo de Santo Antonio Monge, encontrado por divina revelação, é levado para Alexandria e enterrado na igreja de S. João.

Justino Menor, reinou XI annos. Este destruiu tudo o que tinha feito pelos adversarios do concilio Calcedoniense, e mandou que o povo cantasse o psalmo CL ao tempo do sacrificio da missa. Então foi que os Armenios abraçaram a lei de Christo e floresceu Martins, Bispo de Bracara, que por sua prudencia converteu os Suevos de Galesia ao catholicismo.

11. Tiberio reinou VII annos. Os Longobardos, repellidos de Roma, invadem a Italia. Os Godos, divididos em partidos por Hermenegildo, filho do rei Leovigildo, destroem-se e matam-se mutuamente.

Mauricio, reinou XXI annos. Os Suevos são dominados e submettidos por Leovigildo, Rei dos Godos, e estes convertem-se á Fé Catholica por meio do piedosissimo Recaredo, seu Rei. N'aquelle tempo floresce o esclarecido Leandro, Bispo Hispalense, que contribuiu para a conversão da Nação Goda.

Focas, reinou VIII annos. Alevantado Imperador por uma sublevação militar, deu a morte a Mauricio Augusto e a muitos nobres. Tambem os Persas moveram grandes guerras á Republica, e venceram os Romanos.

12. Herculio, reinou XXVII annos. Os Esclavonios entregaram aos Romanos a Grecia, e os Persas a Syria e o Egypto. Em Spania, Sisebuto, Rei dos Godos, apoderou-se de varias cidades que ainda possuia o exercito Romano, e converteu á lei de Christo seus vassallos judeus. Tambem fundou em Toledo uma admiravel igreja dedicada a Santa Leocadia. Depois, o Principe Suintila, acabou de repellar do reino os Romanos; e com uma pequena victoria, assenhoreou-se de toda a Spania. Tambem durante o imperio de Heraclio tiveram por Soberanos os Godos a Suintila e Chintila.

Constantino, reinou IX annos. Em seu tempo reinaram em Spania por IX annos tambem Tulga e Chindasvinto, um após outro.

13. Constante, reinou XX annos. Então, Recesvinto, governou em Spania por espaço de XX annos, e sobreviveu-lhe III.

(Continua)